

FEITA NO BRASIL:

A SABEDORIA VULGAR DA TRAGÉDIA ÁTICA
PARA O POVO TUPINIQUEM CATRUMANO



FEITA NO BRASIL:

A SABEDORIA VULGAR DA TRAGÉDIA ÁTICA
PARA O POVO TUPINIQUEM CATRUMANO

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa



© Relicário Edições
© Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

B238f

Barbosa, Tereza Virgínia Ribeiro

Feita no Brasil: a sabedoria vulgar na tragédia ática para o povo tupiniquim
catrumano / Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. – Belo Horizonte, MG: Relicário, 2018.

324 p. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-66786-71-4

1. Teatro. 2. Tragédia grega. 3. Grego antigo. 4. Guimarães Rosa.
5. Mário de Andrade. 6. Villa-Lobos. I. Título.

CDD 792.01

CDU 792.032-6

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Neiva Ferreira Pinto (UFJF)

Patrícia Lavelle (EHES/Paris)

Pedro Süssekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Sara Rojo (UFMG)

Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

DIAGRAMAÇÃO Kátia Regina Silva

REVISÃO Manuela Ribeiro Barbosa

CAPA (CONCEPÇÃO/ CRIAÇÃO) Maria Cecília Ribeiro Barbosa

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

APRESENTAÇÃO 11

CAPÍTULO 1

TRAGÉDIA, QUÊ? 17

CAPÍTULO 2

TRAGÉDIA, COMO? 61

CAPÍTULO 3

TRAGÉDIA, É? 113

CAPÍTULO 4

TRAGÉDIA SEMPRE DEMUDADA... 175

CAPÍTULO 5

EM TERRA FIRME 215

CAPÍTULO 6

TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA 251

PIRACEMA

SOU CARDUME: SOU GREGO, SOU TUPI, SOU GUARANI, SOU CATRUMANO, MANO! 275

AUTORES PRIORITÁRIOS PARA NOSSA CONSTRUÇÃO TEÓRICA 283

PALAVRAS-CHAVE 285

PALAVRAS GREGAS 289

REFERÊNCIAS 291

*Sob a regência de João Guimarães Rosa, Mário de Andrade
e Heitor Villa-Lobos.*

A MODO DE EPÍGRAFE

... você fala em “apertado dilema: nacionalismo ou universalismo. O nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites.” Tudo errado. Primeiro: não existe essa oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros – ou o regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com seu passado, com as suas necessidades imediatas e práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família etc., ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional. O despaiamento provocado pela educação em livros estrangeiros, contaminação de costumes estrangeiros, por causa da ingênita macaqueação que existe sempre nos seres primitivos, ainda, por causa da leitura demasiadamente pormenorizada não das obras-primas universais dum outro povo, mas das suas obras menores, particulares, nacionais, esse despaiamento é mais ou menos fatal, não há dúvida, num país primitivo e de pequena tradição como o nosso. Pois é preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la. E agora reflita bem no que eu cantei no final do “Noturno” e você compreenderá a grandeza desse nacionalismo universalista que eu prego. De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós

formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica numa nova combinação de qualidades humanas. As raças são acordes musicais. Um é elegante, discreto, cético. Outro é lírico, sentimental, místico e desordenado. Outro é áspero, sensual, cheio de lambanças. Outro é tímido, humorista e hipócrita. Quando realizarmos o nosso acorde, então seremos usados na harmonia da civilização. Me compreende bem? Porque também esse universalismo que quer acabar com as pátrias, com as guerras, com as raças etc. é sentimentalismo alemão. Não é pra já. Está longíssimo (...) Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós em nossas casas (...).

(...) Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo para a fase da criação. E então seremos universais porque nacionais (...). Não é o coração que absolverá você. É a sua própria inteligência. E um pequeno esforço fará depois o resto (...). Não importa que a gente seja um pouco falso consigo mesmo no princípio. Nada de esperar a graça divina de braços cruzados. Nada de dizer: se um dia eu for nacional, serei nacional. A graça divina depende da nossa cooperação, dizem os tratadistas católicos. Você faça um esforcinho pra abraçear-se. Depois se acostuma, não repara mais nisso e é brasileiro sem querer. Ou ao menos se não formos nós já completamente brasileiros, as outras gerações que virão, paulatinamente desenvolvendo o nosso trabalho, hão de levar enfim esta terra à sua civilização (Andrade; Andrade, 2002, p. 70-71).

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!

E embora tão diversa a nossa vida

Dançamos juntos no carnaval das gentes,

Bloco pachola do “Custa mas vai!”

E abre alas que Eu quero passar!

Nós somos os brasileiros auriverdes!

Às esmeraldas das araras

Os rubis dos colibris

Os abacaxis as mangas os cajus

Atravessam amorosamente

A fremente celebração do Universal!

*Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem se o quinhentos-réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegetal!...*

*O bloco fantasiado de histórias mineiras
Move-se na avenida de seis renques de árvores...
O Sol explode em fogaréus...
O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...
Não é dia! Não tem Sol explodindo no céu!
É o delírio noturno de Belo Horizonte...
Não nos esqueçamos da cor local:
Itacolomi... Diário de Minas... Bonde do Calafate...
E o silêncio... sio... sio... Quiriri...*

*Os seres e as coisas se aplainam no sono.
Três horas.*

*A cidade oblíqua
Depois de dançar os trabalhos do dia
Faz muito que dormiu.*

*Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras.
De longe em longe gritam solitários brilhos falsos
Perfurando o sombral das figueiras:
Berenguendéns berloques ouropéis de Oropa consagrada
Que o goianá trocou pelas pepitas de oiro fino.
Dorme Belo Horizonte.*

*Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras...
Não se escuta sequer o ruído das estrelas caminhando...
Mas os poros abertos da cidade
Aspiram com sensualidade com delícia
O ar da terra elevada.*

*Ar arejado batido nas pedras dos morros,
Varado através da água trançada das cachoeiras,
Ar que brota nas fontes com as águas
Por toda a parte de Minas Gerais. (Andrade, s/d, p. 145-146)*



APRESENTAÇÃO

Este trabalho articula indagações, tentativas de resposta e conclusões decorrentes de vários anos de contato com a língua e a literatura gregas, com a prática nas salas de aula da Faculdade de Letras e do Curso de Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Tradução de Teatro (GTT) e, finalmente, conclui ideias e reflexões de projetos apoiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Nos últimos dez anos, com entusiasmo renovado, colegas da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deram novo rumo à minha trajetória acadêmica, que ficou – para mim – mais atraente e produtiva. A alegria dupla transformou-se em tripla e comecei a trabalhar, simultaneamente, com o grego, a língua, a literatura e a cultura; com o teatro; e com a teoria da tradução aplicada à tradução propriamente dita, me posicionando sempre entre o Brasil e a Grécia, nem cá, nem lá, na fronteira de um cá possível e um lá imaginado (pesquisado e estudado diligentemente).

Nesse ambiente de grandes amizades consolidadas, conquistei o prazer de conviver, sobretudo, com Heitor Villa-Lobos e João Guimarães Rosa. Lê-los e ouvi-los me fez crescer sobremaneira. Desse contato recuperei parte das propostas teóricas e práticas que eles formularam e que hoje guardo como convicções. Os ensinamentos de Guimarães Rosa, mais afeito às letras, são fundamento de minha presunção de criar – para a tradução de tragédias – uma linguagem escrita que performatize a oral.

Por tais meios, busco e apresento, aqui, a revalorização da língua comum e falada; proclamo a urgência da desautomatização de palavras que perderam sua força poética e o resgate do viço e colorido de expressões ‘aposentadas’; imito, de Rosa, a prática e o reconhecimento do valor de uma sintaxe de múltiplas

possibilidades; proponho o cultivo da multiplicidade de planos de leitura de um mesmo léxico, a ruptura com a linearidade tradicional, a prática do silêncio (Coutinho, 2009, p. 15; Rónai, 2001, s/p); utilizo estratégias híbridas, paradoxais (Lages, 2002, p. 35-40), inclusive a presença e mesmo a necessidade do riso – alívio cômico no trágico –, e assumo, para o gênero trágico, a base de uma estrutura quiásmica. Tudo isso aprendi com meu conterrâneo.

Busco ainda mostrar a pertinência absoluta e a utilidade concreta da arte dramática ateniense para o nosso tempo, exortando que sua difusão se dê não apenas entre especialistas, mas igualmente entre adolescentes, homens e mulheres de todas as idades e classes sociais; indico-a especialmente para quem quer aprender a escrever, encenar e/ou atuar.

Tento exibir e demonstrar o equilíbrio exato dos dramaturgos atenienses ao lidar com a expressão verbal (para conformar uma paisagem sonora, por exemplo) e a prioridade do visual cênico sobre o texto, que só existirá realmente se for acionado pela palavra em ação. Insisto na fartura do polissêmico, do polissistêmico e do concreto na procura da comunicação do maior quociente possível de sentidos e harmonias textuais.

Mas alerto: o caráter desta pesquisa é um tanto pessoal e, em alguns momentos, informal, razão pela qual exponho a feliz troca de experiências e o aprendizado com poetas do palco e das letras, pesquisadores e investigadores de ambas as áreas.

Desse modo, os que por gentileza e ofício me leem verão aqui os resultados de pesquisas – e vivências – em três áreas que se erigem a partir de metodologias bem variadas, mas que faço convergir para um só objetivo: levar os estudos clássicos até os parques, praças e ruas da minha cidade. Se conseguir – apoiada por uma trupe de tradução –, talvez um dia sigamos para alargar nossos belos horizontes e ampliar nosso alvo...

Ver-se-á, ainda, que este relato de experiências concerta desde os filólogos mais austeros até os artistas mais festivos;¹ testemunha oportunidades extraordinárias que me foram dadas ao longo da vida profissional, recursos que me vieram sistematicamente através do meio universitário e de outros lugares ao acaso e que, por sua vez, se mudaram, em tempo sempre favorável, em alegria. Eis porque agradeço, sem citar nomes, a cada um que esteve em meu caminho.

Efusão de afetos me atingiu no percurso de formação, e, em meio aos seixos e diamantes, três coisas, confesso, me regeram: a disciplina, a disponibilidade para acolher e a honestidade diante do trabalho. Nelas e a partir delas estruturei hipóteses aqui sustentadas e que, ao fim e ao cabo, me levaram a descobertas

que são, acredito, veios abertos para pesquisas futuras. Tenho motivação para continuar investigando e explorando as coisas belas, circunstância de vida rara que me foi oferecida e que, julgo, aproveitei como pude.

Evidentemente, a essa altura do percurso, me dei ao luxo de escolher interlocutores e (p)referências próprias. Tenho os braços abertos para as (p)referências. Algumas delas, segundo certas concepções teóricas, talvez nunca pudessem dialogar, mas faço a intermediação, porque acredito haver um apuro delicado no saber conciliar: estabeleço combinações, armo pontes, traço alternativas de interpretação, aparo arestas. Ouço, avalio, doso e misturo: μίγνυμι.² E tento deixar claro que essas reflexões são produzidas a partir de outras, as quais não respondem, necessariamente, pelo que afirmo. Em outras palavras, sou devedora de inúmeros, mas assumo o risco do que fabriquei tecendo ideias alheias com as próprias. Para teorizar, nunca abandonei a poesia; aprendo com ela, sobretudo com a dos de minha terra. Acredito igualmente que temos “todas as condições e motivos históricos” para cultivar “uma nacionalidade literária” (Assis, 1986, v. 3, p. 801) na ação tradutória e, por isso, alimento um forte desejo de criar, de forma mais independente, uma literatura grega traduzida (ou seria produzida?) no Brasil.

Ao dedicar este estudo ao povo tupiniquim e, igualmente, aos catru-manos rosianos, os “groteiros dum sertão” qualquer, pretendi afirmar – com muitos outros – o que Machado aponta ao fazer notar que “[o] que se deve exigir do escritor [de meu lado, refiro-me ao tradutor] antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (Assis, 1986, v. 3, p. 804). Recupero, também, as palavras do Janjão do Mário: “Não sou nacionalista, Pastor Fido, sou simplesmente nacional. Nacionalismo é uma teoria política, mesmo em arte. Perigosa para a sociedade, precária como inteligência.” (Andrade, 1986, p. 804).

Fascinada com os antigos, se eu pudesse, teria feito este livro no formato dos diálogos de Platão e estaria num grande banquete com convidados especiais, dando lugar de honra para Mário de Andrade,³ Rosa e Villa-Lobos. Penso tal qual a ama da *Medeia* euripídiana: “τὸ παρὸν γὰρ ἔχει τέρψιν ἀφ’ αὐτοῦ δαιτὸς πλήρωμα βροτοῖσιν.”⁴ Banquete é toda a literatura, e, no repasto de secos e antigos que em sonho poético se fizesse, haveria sabores misturados e temperos frescos; na forma, eu teria posto travessões nas citações e constituído uma cena. Seria para mim um estimulante labor, um diálogo entre escritores e pensadores para controvérsias e consensos. Na refeição, nenhum rancor,

nenhuma vianda obrigatória, somente pratos de rara beleza e riqueza nutritiva, se bem que alguns fossem, prudentemente, ingeridos com parcimônia e outros com regalia.

Mesmo mantendo o paradigma científico, de certo modo posso dizer que efetivamente agi assim – com discricção, espero – e estabeleci um pacto alimentar firmado pela minha própria natureza e pela estranheza enlevada de cientistas do passado e do hoje (acrescida da força da divindade): políciei-me o quanto pude, já que o modelo de produção ambicionado não se enquadra assim tão perfeitamente na academia, apesar de o nome, a ideia e a forma terem começado com a ἀκαδήμεια de Platão. Disfarcei o diálogo tanto quanto fui capaz; não sei, entretanto, se me fiz boa atriz.

Minhas descobertas, afinidades e visão de mundo não as poderia mostrar de outra maneira. Por essa razão, os esperados leitores encontrarão uma via a qual, ainda que por vezes possa parecer errática (porque por força pessoal) e se sirva com bastante liberdade de uma dicção que se poderia dizer “dramática” ou “teatral”, é, não obstante, uma articulação de ideias já consolidadas após testes e hipóteses confirmadas, descartadas e revisadas.

A metodologia, conseqüentemente, não pode ser linear; há aqui uma teorização que não se quer fixar, que se quer movimento e que vai do texto ao corpo, do corpo à letra e à cultura e da letra e da cultura ao texto novamente. Revisão obsessiva de processos e resultados. Tradução constante, mutante, variante. Tradução e translação.

Sustento, pois, a existência de uma continuidade entre a cultura brasileira e a grega, da qual somos – para o bem e para o mal – herdeiros e, por conseguinte, a ressonância de temas e assuntos de uma na outra; a validade de cruzar ambas as contribuições e de perseguir o γνῶθι σεαυτόν.⁵ Tudo isso resultou na pretensão – a ambiguidade é pertinente – de uma tradução de teatro como processo dialógico, dinâmico, cultural e coletivo.

Defendo a pesquisa e o rigor metodológico acompanhados de flexibilidade, do colóquio entre várias áreas de trabalho e pesquisa e do permanente questionamento de (pre)conceitos e pressupostos, próprios e alheios. Por terem sido revisitadas e reformuladas, tais linhas são emendadas em uma teoria que toma como figura central a noção – alargada e não somente linguística – de interjeição. Entendida como resultado e efeito, a interjeição se manifesta como veículo polissêmico de expressividade que assume mascarada neutralidade no texto como artifício para, entre outras coisas, simular a emoção.

O volume está constituído por sete capítulos. No primeiro, “Tragédia, quê?”, argumento em favor da importância do estudo e da prática abrangente de

pesquisa acerca da tragédia ática no e para o Brasil. Na mesma seção proponho uma leitura física da catarse. No segundo capítulo, “Tragédia, como?”, conjeturo a feitura da tragédia no Brasil para o povo tupiniquim-catrumano através da tradução associada à corporificação. Pondero o império da filologia e apresento caminhos alternativos e funcionais para as traduções brasileiras. No terceiro capítulo, “Tragédia, é?”, invisto sobre a interjeição, a qual considero recurso pontual minimizado, mas máximo, quanto à ambiguidade linguística. Entendo a interjeição como uma definição rápida e visual da tragédia em toda a sua hesitação e perplexidade. No quarto capítulo, “Tragédia sempre demorada...”, assumo a efemeridade do texto teatral encarnado na improvisação e na instabilidade. O quinto capítulo, “Em terra firme”, se ocupa da leitura de alguns prefácios e posfácios de traduções brasileiras de tragédias, para sugerir a prática de se estabelecer uma “escola de tradução” a partir de paratextos de traduções. No sexto, “Tempestade em copo d’água”, o arrematante de todos os projetos esboçados, levanto uma hipótese de leitura para um vocábulo utilizado na *Poética* de Aristóteles, σπουδή, que pode, penso eu, abrir novos caminhos, integradas vias, para o entendimento do que seja o gênero trágico, a saber, efusão de acometimentos, πάθη, ênfase, interjeição, espanto, lucidez e racionalidade no ato de simulação do descontrole; construção do efêmero programado e ensaiado sempre e sempre a cada nova revisitação; laboratório do ato máximo, do desafio último do viver. O sétimo e mínimo capítulo é “Sou cardume, sou grego, sou tupi, sou guarani, sou catrumano, mano!”

Cumpre agradecer, já agora, pela oportunidade de publicação concedida pela Faculdade de Letras da UFMG, na pessoa de sua diretora, Graciela Ravetti. Agradecer também por tudo e por tanto que recebi de todos aqueles que dialogaram comigo, colegas e alunos, ao vivo e por escrito, dos muitos, grandes e pequenos círculos de pesquisa desse mundo de Deus. Empenho-me em divulgar os estudos clássicos e colocá-los em sintonia com o povo do meu Brasil: por isso, na urgência de uma comunicação mais plena, cada citação em língua estrangeira (exceto aquelas mais simples dos dicionários e aquelas outras em espanhol e castelhano) foi traduzida. Com o povo e os artistas insisto em conversar, porque sou parte deles e a eles devo minha profissão na UFMG. Agradecer aos colegas e amigos que leram e discutiram comigo pontos e linhas, que consolidaram minhas (in)certezas: Graciela Ravetti, mais uma vez, Sara Rojo, Anna Palma, Marcos Alexandre, Jacyntho Lins Brandão, Neiva Ferreira Pinto, Beatriz Vieira de Resende, Nádía Battella Gotlib, Peônia Viana Gomes. Agradecer a Manuela, minha primeira leitora, confidente e inquisidora; ao muito amado Evandro, a

Ciça, João Henrique, Clarice e Fábio Viana: trupe de pesquisa que se formou. Agradeço, por fim, a meus queridíssimos alunos, todos os que, por curto tempo, tive, cada um, desde 1984! Agradeço e agradeço, sempre, pela alegria de ter podido aprender a aprender.

Notas

1. Ao convocar para o diálogo e para a construção de um pensamento acadêmico os artistas, atores, músicos e atletas, compartilho com o maestro Heitor Villa-Lobos o entendimento de que “os sambistas também são intelectuais, eles não são é cultos, não têm cultura, mas têm inteligência, têm raciocínio... Pense! Eles têm imaginação e muito mais, eles têm um sentido irônico, eles sabem observar os problemas populares e ridicularizar...”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ghs1re18cHw>>.

2. Vocábulo grego que me é muito caro: “μίγνυμι – I mêler, mélanger, acc. II unir, joindre: κάρη κονίησιν ἐμίχθη, *Il.* Sa tête se mêla à la poussière, c. à d. il fut précipité dans la poussière; κλισίησι μίγῃναι, *Il.* Se mêler aux tentes, c. à d. les envahir; σὺν κακοῖς μεμιγμένος, *SOPH.* Plongé dans le malheur; particul. 1. en parl. de la guerre: μῖξαι χεῖρας τε μένος τε, *Il.* mêler le courage et les mains, c. à d. en venir aux mains; μίγῃναι τι ἐν δαῖ, *Il.* se mêler avec qqn dans un combat, combattre avec qqn. || 2 en parl. de société, de relations, mêler à: δ’où au pass. se mêler à, avoir commerce avec, fréquenter, dat. [R.Μιγ, de Μικ, mêler; cf. μίσγω, lat. misceo].” (Bailly, 1901 [μίγνυμι]).

3. Mário de Andrade teve o mesmo desejo, o qual levou até quase o fim com maestria de poeta. Não terminou a obra, infelizmente. Quanto a mim, poeta não sendo, não me atrevi nem a começar o banquete; se bem que quisesse... Busquei apenas entrar no tom e não desafinar. Sobre a materialização da obra de Mário de Andrade, *O Banquete*, indico um belo trabalho musical de Álvaro Luiz Ribeiro da Silva Carlini (Universidade Federal do Paraná, Departamento de Artes, 1990). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=65BT4HQRWQY>>.

4. “O presente tem sua própria alegria, é mesa cheia pros viventes!” Tradução da Trupe de Tradução de Teatro Antigo: Trupersa.

5. Máxima grega que esteve, segundo Platão (*Protágoras*, 343b), grafada como epígrafe no templo do oráculo de Delfos. Significa: “Conhece-te!”